

HOMENAGEM A ILÍDIO DO AMARAL

No final do ano lectivo de 1995/1996, jubilou-se o Professor Ilídio do Amaral, catedrático de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi apenas uma página que se virou na carreira do incansável professor e investigador, cuja actividade de modo algum afrouxou: mas, sendo uma página significativa, fez reflectir sobre o seu papel relevante na geografia portuguesa, a partir do final dos anos 1950, numa altura em que eram muito escassos os geógrafos com qualificação académica reconhecida.

Para os da minha geração, em 1960, Ilídio do Amaral representou o primeiro contacto com a Geografia, a nível do ensino universitário. Por entre um conjunto de matérias leccionadas na Faculdade de Ciências onde, a par de assuntos com muito interesse e do contributo inestimável para uma formação com base científica, havia também muita coisa com escasso ou nenhum cabimento no âmbito da nossa licenciatura, as aulas de Geografia Física I do Professor Ilídio do Amaral constituíam aquela iniciação sólida e actualizada, de que todos necessitávamos. Ainda hoje as recordo bem e lembro a atenção e a curiosidade com que todos as seguíamos. Aconteceu que no 2.º ano, por motivos que nunca entendemos plenamente, as aulas de Geografia Física II tardaram em começar, e ficaram reduzidas a um número restrito de sessões quando estava a terminar o ano lectivo (1961/1962). Dirigimo-nos ao Professor Ilídio do Amaral e pedimos-lhe que, nessa longa pausa, nos iniciasse na observação da fotografia aérea, uma técnica que então se começava a divulgar entre nós. Acedeu e, sacrificando algum do tempo de que necessitava para as suas actividades, orientou-nos nos nossos primeiros passos nesse domínio.

Era ele então ainda assistente. Em 1964, apresentou a sua dissertação de doutoramento sobre Santiago de Cabo Verde. A qualidade do trabalho, a sua dimensão, a minúcia com que eram tratados os vários temas, os aspectos inovadores de que alguns deles se revestiam, causaram impressão profunda e muito favorável. Começou por surpreender que o capítulo inicial fosse dedicado ao clima, o que não era habitual: mas quem conheça minimamente Cabo Verde e os seus problemas, compreenderá com facilidade a opção tomada pelo autor, nesta monografia da ilha maior e mais importante daquele arquipélago. Nesse capítulo, com base em bibliografia recente e criteriosamente utilizada (permito-me relevar o estudo sobre a Guadalupe de outro dos meus Mestres, Guy Lasserre) apareciam referidos pela primeira vez, em obras geográficas, no nosso

país, temas como a circulação atmosférica em altitude, da maior importância para a compreensão da dinâmica dos estados do tempo.

Apareceu pouco tempo depois, em 1968, outro trabalho, sobre a cidade de Luanda, que acabou por constituir um marco de referência nas investigações de geografia urbana em Portugal, pela riqueza da informação, o equilíbrio no tratamento dos vários temas, a concisão e a elegância formais, o modo como aparecem filtradas tendências novas na pesquisa sobre a cidade.

Entretanto, outros estudos haviam sido publicados, boa parte dos quais relativos a Angola, sua terra de origem. Entre estes, conta-se o seu primeiro trabalho de geomorfologia tropical (publicado em 1961, em colaboração), um domínio de pesquisa a que se dedicou intensamente, em especial através de investigações conduzidas com minúcia e rigor no Sudoeste de Angola, que encetou mais ou menos pela altura em que passou à categoria de professor extraordinário, em 1967 (dois anos depois ascenderia a professor catedrático). Mais tarde, dedicar-se-ia também a outros ramos do conhecimento, como, por exemplo, geografia política, designadamente no que se refere ao problema das fronteiras, e geografia histórica, em trabalhos centrados com frequência no continente africano. A consulta da sua bibliografia científica, cuidadosamente recolhida e anotada por Ana Amaral¹, investigadora do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical, e sua dedicada Esposa, permite confirmar a diversidade e relevância da obra produzida.

Conhecida, apreciada e utilizada em diversos países, essa obra fez de Ilídio do Amaral um geógrafo prestigiado e respeitado a nível internacional, para o que contribuiu também a sua participação em congressos e outras reuniões científicas internacionais, que enriquecia com a apresentação de comunicações e as suas intervenções no debate dos temas tratados.

Ilídio do Amaral interessou-se igualmente pelas questões ligadas à organização do ensino universitário e da investigação e a elas dedicou atenção e estudo. No âmbito desta importante parcela da sua actividade, ocupou, com grande dignidade, elevados cargos. Foi vice-presidente e presidente em exercício do antigo Instituto da Alta Cultura, entre 1971 e 1975, vice-reitor e reitor da Universidade de Lisboa, entre 1975 e 1979, vice-presidente da então chamada Junta de Investigações do Ultramar (1979-1980), que deu origem ao Instituto de Investigação Científica Tropical. Em todas estas funções, bateu-se com firmeza na defesa dos seus princípios e tendo sempre em vista os interesses das instituições a que, superiormente, prestava colaboração; sofreu desenganos e desilusões, como quase sempre acontece, mas deixou reconhecidamente obra feita, o que já é menos frequente. Posteriormente, foi também reitor da Universidade Internacional e, desde 1984, é o director do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ *Bibliografia Científica de Ilídio do Amaral*. Coligida e anotada por ANA AMARAL. Centro de Estudos Geográficos. Lisboa 1996.

Aliás, já durante o tempo em que tinha colaborado no lançamento e organização do curso de Geografia na Universidade de Luanda (pólo da então chamada cidade de Sá da Bandeira), havia projectado a criação de um organismo dedicado à investigação geográfica nas regiões tropicais, em especial nos territórios de expressão portuguesa. Esse foi um dos seus grandes desígnios, pelo qual se bateu com enorme entusiasmo, acabando por estruturar o chamado GEGU, Gabinete de Estudos de Geografia do Ultramar, cujas actividades decorreram entre 1969 e 1975, e no qual tive o gosto e o proveito de colaborar; as investigações que conduziram à elaboração da minha dissertação de doutoramento, orientadas de perto por Ilídio do Amaral, em deslocações pela área estudada e no gabinete de trabalho, integraram-se naquelas actividades.

Pareceu-me indispensável este avivar de alguns traços da brilhante carreira de Ilídio do Amaral para enquadrar devidamente a homenagem que lhe presta a revista *Finisterra*. O leitor interessado encontrará maior detalhe no trabalho de Ana Amaral citado na nota 1, o qual se encontra sintetizado e actualizado nas páginas que se seguem a esta nota introdutória. É impressionante confirmar que, com o jubileu universitário, de modo algum afrouxou a actividade científica de Ilídio do Amaral; pelo contrário, e tal como sublinhei no início, houve apenas um virar de página, sem quebra de continuidade no seu decurso normal.

Importa referir que os começos dessa actividade científica, bem como boa parte dela, ficaram ligados ao Centro de Estudos Geográficos; aí teve Ilídio do Amaral o inestimável apoio e orientação de Orlando Ribeiro, Mestre dos actuais geógrafos portugueses da geração mais antiga e de muitos das que se lhe seguiram. Contudo, pela natureza específica dos temas das investigações, elas foram sobretudo enquadradas pela Junta de Investigações do Ultramar, através do Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar e da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar, cuja direcção cabia também a Orlando Ribeiro.

No Centro de Estudos Geográficos, Ilídio do Amaral orientou e colaborou na orientação de actividades científicas diversas e de trabalhos de diferente natureza levados a cabo por aqueles que se iniciavam na investigação ou, de alguma maneira, procuravam consolidar a sua formação. Dirigiu duas áreas científicas, procurando por todos os meios, numa delas, manter viva a rica tradição portuguesa dos estudos geográficos das regiões tropicais, tal como já antes havia feito. Mas também, desde cedo, teve a seu cargo, durante vários anos, larga parte das tarefas executivas, não menos importantes, de organização administrativa do Centro, sem as quais este não poderia ter subsistido e alargado a sua acção. Ficou-me bem viva na memória, do tempo em que era um jovem assistente no início da carreira, a sua acção na organização do Seminário Internacional de Geografia, reunião científica promovida pelo Centro em Março de 1967, e que decorreu com assinalável êxito. Não resisto a citar as palavras que a este respeito escreveu Orlando Ribeiro, num dos primeiros números da *Finisterra*: «Tudo se deve à capacidade e dedicação de Ilídio do Amaral que, além de me animar quando eu já não considerava possível, pela estreiteza do

tempo, realizar o Seminário, tomou sobre si o pesado encargo de dirigir toda a organização material dele, compreendendo as excursões – parte essencial de qualquer reunião de Geografia. Fê-lo com a sua discrição habitual e, verificando como tudo estava afinado, muitos participantes nem sequer avaliaram a larga parte que lhe cabia no agrado com que o Seminário decorreu»². Mas este é apenas um exemplo – significativo, é certo – entre muitos que se poderiam citar. Recordo que, em várias reuniões do pessoal científico do Centro nessa altura, Ilídio do Amaral nos surpreendia com sugestões e propostas mais ou menos arrojadas que, mesmo quando não tiveram possibilidade de concretização, nos faziam reflectir, vislumbrar novas hipóteses de actuação e vencer alguma inércia em que por vezes se caía. Antes do aparecimento da *Finisterra*, e de certo modo precedendo-a, foi ainda Ilídio do Amaral que lançou, em Março de 1965, uma pequena publicação policopiada, despreziosa, *Notícias Geográficas*, que poderia ter sido o que nós quiséssemos, e ainda apareceu durante 4 anos, com 3 números em cada um deles.

O Centro de Estudos Geográficos deve muito a Ilídio do Amaral. Nele, esta revista também; dedicou-lhe particular empenho nos primeiros anos de publicação e foi seu director, em colaboração, até 1994.

Por tudo isto, não admira que a direcção do Centro, por ocasião do seu jubileu universitário, lhe tenha promovido uma homenagem que, com grande participação de amigos, colegas, discípulos, decorreu no dia 5 de Junho de 1996, e na qual foi lançado o trabalho sobre a sua bibliografia científica, já referido. Creio que, por essa ocasião, ocorreu a ideia inicial da organização de um número da *Finisterra* que lhe fosse dedicado. Essa ideia concretiza-se agora finalmente.

Não se trata de um *Livro de Homenagem* do género habitual, volumoso, com colaboração diversificada, por especialistas de diferentes ramos do saber. Sem excluir que tal livro possa ou deva vir a ser futuramente organizado, o seu âmbito não se coaduna com o de um número de uma revista de Geografia, pelas limitações do espaço e pela necessidade de circunscrever o tema dos assuntos tratados.

Limitaram-se os convites de participação a geógrafos portugueses dos dois graus académicos mais elevados (sem excluir os que participassem em artigos em colaboração) e a alguns, poucos, geógrafos estrangeiros de países de língua oficial portuguesa. Este critério, discutível como qualquer outro, permitiu restringir os pedidos de colaboração. Posso testemunhar que muitos outros colegas me transmitiram o seu desejo de colaborarem. Entretanto, não se conseguiu reunir o conjunto de contribuições previsto, designadamente por impossibilidade manifesta daqueles que tinham entre mãos trabalhos inadiáveis e absorventes, com prazo de conclusão apertado e rigoroso.

² «Primeiro Seminário Internacional de Geografia», *Finisterra*, III-6, Lisboa 1968, p. 137.

Não sendo possível adiar por mais tempo a conclusão deste número da *Finisterra*, que sai já com algum atraso, apresentam-se a seguir artigos de geógrafos portugueses das quatro Universidades que, até há pouco tempo, eram as únicas onde se ensinava e praticava o seu ramo do conhecimento, e de três outros, do Brasil e de Moçambique. Junta-se a indispensável actualização dos dados curriculares e da bibliografia científica do homenageado, a cargo de Ana Amaral que, com brevidade e competência, correspondeu ao pedido que lhe formulei, quando estava já a concluir-se a preparação deste volume. Todos colaboraram com gosto e o maior interesse, mas não quero deixar de agradecer-lhes os valiosos contributos que enviaram.

É fácil notar que, em resultado de tácito acordo, os trabalhos que agora se publicam, recobrem em grande parte as áreas da Geografia nas quais Ilídio do Amaral trabalhou ou pelas quais manifestou preferência.

Na altura em que, com a consoladora certeza de que fica em boas mãos, transmito a direcção da *Finisterra* a uma talentosa e empenhada Colega, que nela muito tem trabalhado nos últimos anos, nada me poderia ser mais grato do que a preparação deste número: nele reencontro o Mestre a quem muito devo, o Professor que tanta coisa me ensinou e continua a ensinar, o Amigo que tantas vezes marcou presença.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS

Director da *Finisterra*